

A promessa Mário Covas

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Poucos lutaram tanto a favor do parlamentarismo e contra os cinco anos de Sarney quanto o senador Mário Covas, então líder do PMDB e hoje candidato do PSDB à Presidência. Passada a Constituinte e assimiladas as derrotas, alavancas da formação do novo partido, Covas denuncia como golpistas e extemporâneas as tentativas de implantação de um novo sistema de governo ou de abreviação do mandato de Sarney — pelo menos sem a concordância do próprio Sarney. "Combato e combatarei as violências contra o processo eleitoral, não importa quem esteja na dianteira das pesquisas", disse ele ontem.

A argumentação tem cores políticas e nuances eleitorais. Covas identifica, na autoria das propostas, a precaução dos setores da direita, que tanto estimulam o fenômeno Collor na eleição, quanto temem a incógnita Collor no governo. Intui, ainda, que a investida parlamentarista será uma nova bandeira para o candidato do PRN — que poderá se fazer da vítima dos impopulares políticos encastelados no Congresso — e avisa que não vai engrossar o coro contra o favorito. "Minha campanha é absoluta, não relativa", explica.

Covas condena tanto a emenda da Frente Parlamentarista do Congresso, que está quase pronta e prevê a implantação do novo regime em 1991, quanto a proposta do ex-presidente Jânio Quadros, que quer acoplar um plebiscito sobre sistema de governo à eleição presidencial de novembro. Em contrapartida, oferece a realização do plebiscito em 1990, se for eleito.

Do alto de seu inegável pres-

tígio político, mas sob acachapantes 5% de preferência popular, Covas prepara sua decolagem a bordo de duas táticas. A primeira é a investida, direta e pela televisão, junto ao eleitor. A segunda é a abordagem, política e suprapartidária, das lideranças parlamentares e empresariais que formam opinião e são simpáticas a seu nome.

A ambição de Covas é subir três pontos nas pesquisas, apenas o suficiente para acabar com a falta de confiança na sua capacidade de vitória. No Congresso, repete-se com frequência que "Covas é o melhor candidato, mas não decola". Ele quer consolidar a premissa e explicitar a ressalva. Ulysses Guimarães costuma dizer que Covas é "um espanhol teimoso feito uma mula". A teimosia, na campanha, se manifesta principalmente na sua resistência em convencer os tucanos de que devem aceitar o apoio de lideranças e de bons de voto de outros partidos. Covas poderia encontrar um sólo fértil em setores do Congresso, governos e prefeituras, plantados no PMDB, PFL, PSB e PPSB, mas os tucanos parecem mais preocupados com as eleições de 1990 do que com a fundamental, de 1989.

O exemplo mais típico está em Pernambuco, onde o popularíssimo prefeito Joaquim Francisco, do PFL, seria uma grande ajuda na campanha Covas, não fosse o acordo tácito dos tucanos locais para a eleição do peemedebista Jans Vasconcellos ao governo do Estado. "É o sentido local da sucessão presidencial brasileira", queixa-se o prefeito, plagiando o professor Barreto Guimarães, em 1954. Em defesa da Sudene, Barreto alertava para "o sentido nacional dos problemas do Nordeste brasileiro". O alerta voa acima dos tucanos.